ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17010 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)
ISSN: 2595-7945
Eixo Temático 19 - Educação e Arte

O QUE PODE A ARTE NOS ENSINAR SOBRE O RACISMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA?

Ário Pereira Gonçalves - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

O QUE PODE A ARTE NOS ENSINAR SOBRE O RACISMO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA ESCOLA?

RESUMO: Este trabalho refere-se a uma pesquisa em andamento, onde apresento caminhos para responder a pergunta “O que pode a arte nos ensinar sobre o racismo e a construção da identidade negra na escola?”, pensando no potencial do estudo da arte como ferramenta de ensino/aprendizado sobre racismo e formação da identidade negra positiva da criança em idade escolar. O estudo é feito a partir da análise de obras de arte consagradas e contemporâneas, em especial A redenção de Cam (1895), do pintor espanhol Modesto Brocos (1852-1936), Mãe preta amamentando menino branco (1988), da escultora pelotense Judith Bacci (1918-1991) e da série Boa aparência (1999-2000), do fotógrafo mineiro Eustáquio Neves (1955).

Faço caminhadas diariamente e é nesse momento que tudo o que leio e vejo se funde e começa a fazer sentido. Penso sobre muitas coisas. Viajo em pensamentos. Voltando à realidade, mesmo que virtual, nas redes sociais, me deparo com uma enxurrada de casos de racismo comentados por muitos influenciadores/as negros/as. Uns de forma mais superficial, outros de forma mais aprofundada. Tudo isso se une a leituras que giram em torno da ERER (Educação para as Relações Étnico-raciais), educação, educação antirracista, racismo, formação da identidade negra e, por óbvio, arte e educação.

Muitas pessoas jogam a culpa do racismo no sistema: ele que é racista, não eu/nós. Ele, o racismo, é estrutural, eu não tenho culpa, quem me conhece sabe, dizem. E assim,

culpando o sistema racista, estas pessoas se eximem da culpa e continuam praticando o racismo, mesmo que de forma inconsciente.

Eu não poderia deixar de trazer as inquietações surgidas nas caminhadas para o meu campo de pesquisa: Arte e Educação. Para tanto, me fiz as perguntas: “É possível conversar, na sala de aula, sobre racismo a partir do estudo da arte ou de obras de arte específicas? Como pensar na construção de uma identidade negra positiva a partir do mesmo princípio?”. Estas são perguntas que me faço e que, aqui, tento respondê-las

O objetivo principal da pesquisa que desenvolvo é demonstrar que podemos conversar sobre o racismo e a construção de uma identidade negra positiva, provocando discussões a partir do estudo de obras de arte escolhidas para este fim, sem que fique maçante para o/a estudante da educação básica. Trata-se de uma pesquisa autobiográfica na qual as obras de arte escolhidas relacionam-se diretamente com a minha vivência, enquanto homem negro de família inter-racial criado na periferia, apresentando algumas reflexões em torno dessas obras que fazem parte desta investigação em andamento.

Talvez uma das obras mais utilizadas para explorar esse assunto, seja A Redenção de Cam (1895), do pintor espanhol Modesto Brocos (Santiago de Compostela, 1852 - Rio de Janeiro, 1936), que “embora muitíssimo bem pintada, trata-se, sem dúvida, de uma das pinturas mais reacionárias e preconceituosas da Escola brasileira.” (LEITE, apud LOTIERZO, 2013, p. 24). O quadro retrata uma família miscigenada mostrando três gerações visivelmente em processo de clareamento, onde a matriarca, uma mulher idosa, é uma negra retinta, sua filha é uma mulher parda e seu neto já é um menino branco. O pai do menino é um homem branco, provavelmente de ascendência portuguesa. A obra foi vencedora da medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes de 1895 e utilizada como referência na tese defendida pelo diretor do Museu Nacional João Batista de Lacerda no I Congresso Mundial das Raças em 1911, na qual ele defendia que em três gerações, com a miscigenação entre negros e brancos, a população negra seria extinta no Brasil.

A obra da escultora negra pelotense Judith Bacci (1918 - 1991) que trabalhou como zeladora da antiga Escola de Belas Artes - EBA (posteriormente denominado Instituto de Letras e Artes, atualmente Centro de Artes da UFPEL), é uma das muitas que me trazem à tona uma memória infantil, quando ainda brincava com meus “irmãos de leite”, maneira a qual eu e amigos de infância que dividiram comigo o leite materno da minha mãe nos referimos até hoje uns aos outros. A escultura em gesso Mãe Preta amamentando menino branco (1988), tem título autoexplicativo que não requer muita imaginação sobre a cena. Entretanto, ao prestar atenção nos detalhes da peça, o ato que parece ser natural, de amor,

ganha ares de sofrimento e obrigação. Nitidamente com o rosto cansado, representa muitas mulheres que deixavam de amamentar seus próprios filhos para amamentar os filhos dos seus senhores. Entretanto, se por um lado havia o sofrimento, sem romantizá-lo, por outro, havia um sentimento, ou necessidade, de resistência. Através deste ato, muito da cultura negra foi incorporado à cultura brasileira.

> Na década de 1980 a antropóloga Lélia Gonzales (s/d apud MENDES, 2011) afirma que a mãe - preta, que servia de ama de leite, representa a resistência negra construída nas relações entre senhores e escravos, já que o uso da linguagem africana, em cantigas de ninar ensinadas às crianças brancas, teria marcado traços africanos na cultura brasileira." (Pereira, 2018 p. 58).

Do mesmo modo, na minha infância, esta prática era reproduzida enquanto as mulheres brancas da região onde eu morava saíam para trabalhar e minha mãe, uma mulher preta analfabeta, alimentava e cuidava dos seus filhos sem remuneração, apenas pela boa amizade. Com isso, desde a infância, já percebia as diferenças entre brancos e negros

> Diferentes autores destacam que entre 3 e 5 anos a criança já percebe, interpreta e hierarquiza como superior e inferior e, ainda, é nessa etapa que as mesmas desejam mudar o tipo de cabelo e a cor da pele; assim, a criança negra parece mais agudamente atenta à diferença racial do que a branca. (GOMES, 2023, p. 11)

O fotógrafo mineiro Eustáquio Neves (Juatuba, 1955), provocou o diálogo entre o período da escravidão e a contemporaneidade. Na sua série de fotografias intitulada Boa aparência (1999 - 2000), o artista nos faz pensar o que seria essa boa aparência, principalmente nos dias atuais? Enquanto analisava periódicos do final do século XIX, Neves se deparou com anúncios que solicitavam informações sobre o paradeiro de escravizados fugidos, onde, em alguns, vinha a sentença "é um negro de boa aparência", se referindo ao estado físico do procurado. Neste momento, o fotógrafo se questiona se a boa aparência mencionada nesses anúncios seria válida hoje. Ela seria uma forma de inclusão social/racial ou, ao contrário, uma forma de excluí-lo por ser ele um homem negro? Vale lembrar que até pouco tempo os anúncios de emprego nos jornais, via de regra, se encerravam com a expressão: "exige-se boa aparência", proibida a partir da aprovação do PLS 302/1999 pelo Senado Federal. Enquanto esta expressão era utilizada, pessoas parecidas comigo tinham acesso ainda mais restrito ao emprego. Por exemplo, raramente eu me candidatava a uma vaga de emprego pois já estava introjetado na minha identidade que eu não tinha uma boa aparência.

A Arte é um vasto campo de estudo para que o/a professor/a possa instigar o/a

aluno/a a pensar sobre a forma com que as relações raciais/sociais são construídas e estruturadas , criando meios para que a criança em idade escolar, especialmente a criança negra, perceba e valorize sua identidade e formas de agir frente ao racismo. Pensadores/as contemporâneos estão propondo modos de ver a arte a partir de uma perspectiva negra. A historiadora da Arte francesa, Anne Lafont (2023), mostra como o/a negro/a é representado/a de forma pejorativa ao longo dos anos e como sua representação subalternizada é utilizada para demonstrar um status social branco ou, inclusive, validar teorias racistas. Da mesma forma a artista e historiadora brasileira Renata Felinto Santos (2019), mostra a diferença entre representação negra por artistas negros/as e brancos/as.

Ainda, para dialogar com as referências artísticas apresentadas e compreender a formação da identidade e subjetividade negra, trago os ensinamentos do filósofo e psiquiatra Frantz Fanon (2020) e da também psiquiatra Neusa Santos Souza (2021).

Esta é uma pesquisa em andamento. Outras referências teóricas ou artísticas poderão ser incluídas. Pretendo, a partir do seu resultado, propor para docentes e discentes uma forma de tratar o estudo das relações étnico-raciais na sala de aula a partir das Artes Visuais, sendo possível propor atividades pedagógicas para problematizar e tensionar estudos raciais, pouco aludidos na academia.

Palavras chave: Educação antirracista. Identidade negra positiva. Educação para as relações étnico-raciais.

Referências bibliográficas

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução: Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020

GOMES, Nilma Lino, ARAÚJO, Marlene de. **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2023

LAFONT, Anne. **A arte dos mundos Negros: História, teoria e crítica.** Tradução: Leo Gonçalves, Rita Paschoalin e Viviane Braga dos Santos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023

LOTIERZO, Tatiana H.P. **Contornos do (In)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos.** São Paulo: USP, 2013. Disponível em . Acesso em 24/07/2024

PEREIRA, Letícia Alves. **A identidade representada, da espiritualidade à materialidade a arte umbandista de Judith Bacci.** Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/106874486-A-identidade-representada-da-espiritualidade-a-materialidade-pelotas-rs-a-arte-umbandista-de-judith-bacci.html>. Acesso em 28/04/2024

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?** Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 341-368, maio/ago. 2019. Acesso em: 21/11/2023

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021